

**OS MOREIRA SALLES, OS SETÚBAL E OS VILLELA:
A TRAJETÓRIA DAS PRINCIPAIS FAMÍLIAS EMPRESARIAIS
DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO**

Rafael Vaz da Motta Brandão ¹

Introdução

De acordo com o historiador econômico David Landes, a atividade bancária é o território mais fecundo para o desenvolvimento de empresas familiares por duas razões básicas (LANDES, 2007: 3). A primeira delas, refere-se ao fato de que, historicamente, o sucesso nessa atividade empresarial estaria sustentado, em grande parte, por relações pessoais e de confiança. A segunda é a de que, ao contrário das muitas atividades industriais, a atividade bancária teria basicamente a moeda como única mercadoria. Em função disso, o mundo das finanças não dependeria tanto do uso e do desenvolvimento constante de novas tecnologias, tornando-se, assim, menos necessária a busca por pessoas tecnicamente mais capacitadas fora do círculo familiar para lidar com inovações.

De fato, a história dos grandes bancos brasileiros está intimamente relacionada à trajetória das dinastias familiares. Os Safra, por exemplo, fundaram um banco que até hoje leva o nome da família. Os Aguiar, cuja trajetória está associada ao Bradesco, é outro exemplo de dinastia ainda presente no setor bancário brasileiro, embora não mais atuem diretamente na administração da instituição. Os Andrade Vieira formavam uma influente família de banqueiros paranaenses, controladora do Bamerindus. Os Calmon de Sá foram donos do Econômico que era, até sofrer a intervenção do Banco Central em 1995, a mais antiga instituição bancária do país. Os Magalhães Pinto, controladores do Nacional, possuíam, em Minas Gerais, talvez o mesmo prestígio e poder político que exerciam os Calmon de Sá na Bahia. Contudo, nenhuma outra dinastia está tão

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor visitante do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP).

fortemente associada à história dos bancos brasileiros quanto à trindade formada pelas famílias Moreira Salles, Setúbal e Villela.

Os Moreira Salles foram donos do Unibanco. Na segunda década do século XX, a partir dos investimentos nos negócios do café, chegaram à atividade bancária. Desde então, passaram a controlar um complexo de empresas com vínculos com o capital estrangeiro, fazendo dos Moreira Salles a mais internacionalizada família de banqueiros brasileiros.

Os Setúbal e os Villela, por sua vez, chegaram ao ramo bancário devido às ligações familiares que possuíam com Alfredo Egydio de Souza Aranha, fundador do Banco Central de Crédito, instituição bancária que deu origem ao Itaú. Olavo Setúbal e Eudoro Villela, respectivamente, sobrinho e sogro de Alfredo Egydio, herdaram a direção do banco e foram os responsáveis por um intenso processo de expansão das atividades bancária a partir de fusões, aquisições e incorporações que transformariam o Itaú em um dos maiores grupos empresariais do país.

Em novembro de 2008, as três famílias intensificaram ainda mais a sua posição monopolista no setor bancário brasileiro. Estabeleceram uma fusão de seus negócios financeiros, criando o Itaú Unibanco, o maior banco privado da América Latina e que ocupa, atualmente, a 42ª posição entre as maiores empresa do mundo, empatada com a seguradora norte-americana AIG.

O objetivo deste artigo é o de discutir a trajetória destas que são as três mais importantes famílias empresariais do setor bancário brasileiro, relacionando as suas estratégias de crescimento empresarial às políticas públicas para o setor bancário-financeiro emanadas em diferentes momentos pelo Estado brasileiro, da qual, em nosso entendimento, estas três dinastias foram amplamente favorecidas.

Os Moreira Salles: do café para o setor bancário

É nos negócios ligados ao café que podemos encontrar a origem da riqueza dos Moreira Salles. Foi a partir de investimentos no setor cafeeiro que chegaram à atividade bancária e desde então se converteram em um dos mais poderosos grupos empresariais do capitalismo brasileiro ao longo do século XX.

A história da família no ramo bancário começa em 1924, quando a Casa Moreira Salles, fundada por João Moreira Salles, na cidade mineira de Poços de Caldas, recebeu



do governo federal a carta patente nº 272, dando autorização para o funcionamento de uma seção bancária dentro de seu estabelecimento comercial.

Logo após o seu casamento com Lucrecia Vilhena de Alcântara, pertencente à uma tradicional família proprietária de terras da região, João Moreira Salles se estabeleceu como comprador de café. Com o crescimento de seus negócios, mudou-se com a família para Santos, principal porto de escoamento cafeeiro do país. A partir de então, estruturou-se aquele que seria o tripé de suas atividades empresariais: a compra do café nos mercados regionais de São Paulo e Minas Gerais; a sua exportação para os mercados internacionais a partir do porto de Santos; e a intermediação dessas transações a partir da Casa Moreira Salles que, em 1931, obteria uma nova carta patente, desta vez permitindo o seu funcionamento enquanto casa bancária. Surgia, assim, a Casa Bancária Moreira Salles.

Ao mesmo tempo em que assistia ao crescimento dos seus negócios na atividade bancária, João Moreira Salles continuava investindo naquele que era o seu principal negócio: o café. Assim, cada vez mais envolvido com os negócios cafeeiros, aos poucos, João Moreira Salles foi passando a administração da casa bancária para Walther Moreira Salles, seu filho mais velho.

Ao final da década de trinta, Walther Moreira Salles passou a assumir a direção dos negócios bancários da família, sendo o responsável por um processo de expansão que, dentro de pouco mais de três décadas, iria transformar a Casa Bancária Moreira Salles em União de Bancos Brasileiros (Unibanco) e os próprios Moreira Salles em um dos maiores grupos empresariais do país.

Em 1940, a Casa Bancária Moreira Salles associou-se ao Banco Machadense e à Casa Bancária de Botelhos, dando origem ao Banco Moreira Salles. A partir de então, o banco rapidamente expandiu a sua rede de agências pelo interior mineiro. Em 1941, os negócios foram ampliados para Rio de Janeiro e São Paulo. O Moreira Salles seria o terceiro banco a se instalar na capital paulista, onde havia ainda 35 casas bancárias e oito seções bancárias (MARTINS, 2014: 56). Com o ingresso do Brasil na guerra, em 1942, o Banco Moreira Salles, assim como outras instituições financeiras nacionais, recebeu funcionários e agências de bancos estrangeiros nacionalizados pelo governo Vargas. Dessa forma, o banco da família Moreira Salles, nos anos que se seguiram ao conflito mundial, tornou-se uma instituição poderosa, com agências espalhadas pelas regiões sul e sudeste do país.

No início dos anos sessenta, segundo René Dreifuss, em seu estudo clássico sobre o golpe civil-militar de 1964, com as crescentes demandas nacionalistas e reformistas, "tornava-se imperativo para os interesses multinacionais e associados ter o comando político da administração do Estado" (DREIFUSS, 1981: 37). Com a ascensão de Jânio Quadro ao poder, tal imperativo foi parcialmente obtido. Porém, com a sua renúncia, João Goulart tornou-se presidente, liderando um bloco nacional-reformista. Assim, "uma situação radical e altamente desfavorável desdobrou-se para o bloco multinacional e associado que lançou uma campanha, para conseguir um novo arranjo político que expressasse os seus interesses então bloqueados" (DREIFUSS, 1981: 37-38).

A articulação desse novo arranjo político que pudesse restabelecer a taxa de lucro, acelerando a acumulação capitalista no país, englobou as diferentes frações da classe dominante brasileira, incluindo aí a burguesia financeira. Tal movimento teve como resultado a derrubada do governo de João Goulart, "condenando na prática a sua alternativa sócio-econômica distributiva e nacionalista e ajudando (...) a ancorar firmemente o Estado brasileiro à estratégia global das corporações multinacionais" (DREIFFU, 1981: 38).

Importantes documentos produzidos pela embaixada norte-americana no Brasil, nos meses que antecederam a queda de Goulart, revelaram que muito empresários brasileiros abasteciam o embaixador Lincoln Gordon, um dos principais articuladores internacionais do golpe, de informações e opiniões sobre o governo brasileiro. Entre estes empresários estava o nome de Walther Moreira Salles.

A reforma bancária de 1964/1965 teve como um de seus principais resultados o estímulo à formação de grandes conglomerados financeiros. A centralização de capitais no sistema bancário foi justificada pelo governo pela necessidade de expandir a capacidade do sistema bancário de movimentar capitais e oferecer financiamentos de longo prazo para obras de infraestrutura que marcaram a ditadura civil-militar. Para os Moreira Salles, iniciava-se um intenso período de fusões e aquisições.

Ao mesmo tempo em que expandiam a atividade bancária, os Moreira Salles realizavam investimentos em vários outros setores. A diversificação dos negócios envolve a atuação do grupo nos setores de energia, siderurgia, químico e petroquímico, máquina e equipamentos, mineração, agrícola, alimentos, turístico, além de investimentos na área cultural.

Além da ramificação dos negócios, envolvendo investimentos em setores não bancário, outra importante característica do grupo é a estreita vinculação com o capital estrangeiro, o que faz dos Moreira Salles a mais internacionalizada família de banqueiros brasileiros. Segundo Ary Minella, em 1980, incluindo o Unibanco, "a família Moreira Salles controlava um complexo de empresas e empreendimentos em estreito vínculo com o capital internacional" (MINELLA, 1988: 221).

Os anos 90 representaram uma nova fase no processo de consolidação dos Moreira Salles como uma das mais poderosas famílias empresariais do Brasil. Essa posição foi reforçada pelas aquisições do Nacional, através do Proer, e de outro importante banco, o Bandeirantes.

Em novembro de 2008, os Moreira Salles anunciariam fusão entre o Unibanco e o Itaú, consolidando ainda mais a sua posição monopolista no sistema bancário brasileiro. Com a fusão, foi criado o maior banco privado da América Latina e a 16º maior instituição financeira do mundo em valor de mercado à época, com mais de R\$ 600 bilhões em ativos. O novo banco detinha, ainda, um patrimônio líquido de R\$ 51,7 bilhões, contando com cerca de 4.800 agências e mais de 14,5 milhões de clientes.

Os Setúbal e os Villela: duas famílias na direção de um "banco de engenheiros"

As origens do Itaú, mas não ainda das famílias Setúbal e Villela na atividade bancária, remonta ao ano de 1943. É nesse ano que Alfredo Egydio de Souza Aranha fundou o Banco Central de Crédito e que, mais tarde, depois de várias mudanças de nome, passaria a se chamar Itaú.

Pertencente à tradicional família Souza Aranha, ligada à economia cafeeira na região de Campinas, Alfredo Egydio era bisneto de Joaquim Bonifácio do Amaral, visconde de Indaiatuba, e de Maria Luiza Souza Aranha, viscondessa de Campinas. Seu avô, Francisco Antônio de Sousa Queiroz, o barão de Sousa Queiroz, além de grande proprietário rural, foi deputado provincial, deputado geral, presidente interino da província de São Paulo e senador do Império do Brasil, entre 1849 a 1889.

Ao final da década de cinquenta e já com a saúde debilitada, Alfredo Egydio de Souza Aranha passaria a direção do banco para o seu genro, Eudoro Villela, e para o seu sobrinho, Olavo Setúbal. É através destas relações de parentesco que podemos encontrar a ligação das famílias Setúbal e Villela com o Itaú.



Assim como o Unibanco, o Itaú foi um dos principais grupos financeiros beneficiados pela reforma do sistema financeiro empreendida pelos governos militares a partir de 1964 e que estimulariam a conglomeração bancária. Tal orientação permitiria um crescimento extraordinário do banco a partir de fusões, aquisições e incorporações de outros bancos. No ano do golpe, o então Banco Federal de Crédito ainda era um banco basicamente de atuação regional, possuindo 58 agências, a maior parte delas no estado de São Paulo. Uma década depois, o banco, já transformado em Itaú, possuía agências em várias regiões do país e figurava entre os grandes bancos brasileiros.

Ao mesmo tempo em que o antigo Banco Central de Crédito estava próximo de se tornar Itaú, com as fusões, aquisições e incorporações que correriam no pós-1964, a instituição passava por um processo de profissionalização de seus quadros, que o levaria a ser conhecido como o "banco dos engenheiros", dado o número cada vez maior de profissionais com essa formação.

A partir da operação com o Banco da América, interrompeu-se o período de fusões, dando início a uma nova etapa na estratégia empresarial de expansão do grupo, caracterizada por aquisições e incorporações, que se iniciaram com o Banco Aliança, em 1970 e se prolongariam nos anos seguintes. Com a incorporação do Aliança, o Itaú América alcança a oitava posição no ranking brasileiro de bancos.

Ao início da década de 1990, uma nova geração de banqueiros começa a aparecer no Itaú. Era o momento em que a terceira e a quarta geração chegavam para a sucessão de cargos de liderança no interior do grupo.

Os anos noventa foram marcados por um novo ciclo de aquisições e incorporações realizados pelo Itaú, sob o impulso das reformas do sistema financeiro do governo FHC, que incluíam as privatizações de bancos estaduais. Tal processo resultou em uma das mais importantes transformações do sistema financeiro brasileiro na segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, sendo o Proes o principal instrumento de privatização do setor. Quando o Proes foi criado, 35 instituições financeiras eram controladas pelos estados brasileiros. Até o ano de 2002, com exceção de Mato Grosso do Sul e Tocantins (que não possuíam instituições financeiras) e da Paraíba e Distrito Federal (que não manifestaram interesse em participar do programa), todos os demais governos estaduais aderiram ao Proes. O programa foi inteiramente financiado com recursos públicos, mediante a emissão de títulos pelo Tesouro Nacional.



Ao todo, o Proes consumiu mais de R\$ 73 bilhões, quase quatro vezes mais do que custou o Proer.

O Itaú foi o maior beneficiado pelas privatizações dos bancos estaduais, adquirindo quatro instituições financeiras, três delas de grande porte: Banerj, Bemge e Banestado, além do Banco do Estado de Goiás (BEG). Embora o Bradesco tenha adquirido cinco instituições, todas elas, com exceção Credireal, eram bancos de médio e pequeno porte (Baneb, BEA, BEM e o BEC).

Em 2001, Eudoro Villela faleceria aos 93 anos. Desde 1996, porém, havia se afastado do Itaú por razões de saúde. Responsável pelo crescimento do grupo, era também o seu maior acionista individual. Sete anos depois, em 2008, Olavo Setúbal faleceria, aos 85 anos, ainda como presidente executivo da Itaúsa e presidente do conselho de administração do Itaú.

A perda dos dois principais nomes das dinastias controladoras do Itaú não gerou grandes impactos administrativos na estrutura do grupo. Desde 1982, as duas famílias já haviam reunido suas participações societárias na companhia ESA, iniciais do sobrenome daquele do fundador do Itaú, Alfredo Egydio de Souza Aranha. O acordo de acionistas tinha como objetivo definir as regras entre os Setúbal e os Villela e perpetuar a unidade do grupo. Atualizado em 2001, o acordo estabelece que os dois ramos familiares devem votar de modo "uniforme e permanente". Os Setúbal têm direito a indicar dois conselheiros na Itaúsa, e os Villela, outros dois. Os demais são escolhidos por consenso.

Ao adentrar o século XXI, o Itaú se afirmava como uma dos maiores grupos bancários do capitalismo brasileiro. Após as aquisições de bancos públicos estaduais, o grupo Itaú anunciaria, em 2002, a compra por R\$ 3,3 bilhões de 95,75% das ações do BBA-Creditanstalt, o maior banco de investimentos do país. Formava-se, assim, o maior banco de investimentos do país, o Itaú BBA.

Em 2006, o Itaú realizou a compra das operações do BankBoston no Brasil, então controlado pelo Bank of America. Com a aquisição do BankBoston, todas as agências se transformaram em Itaú Personalité, e o Itaú ascendia do quarto para o terceiro lugar no ranking de ativos. Em agosto daquele ano, o Itaú exerceria a opção de compra das unidades do BankBoston no Chile e Paraguai.

Em 2008, contudo, seria realizada a maior fusão da história do Itaú. O banco que, com Olavo Setúbal e Eudoro Villela à frente, a partir de fusões, aquisições e



incorporações, especialmente no período da ditadura civil-militar e no governo FHC cresceria exponencialmente e, no início do século XXI, estabeleceria um fusão com o Unibanco, a instituição financeira controlada pela família Moreira Salles. O Itaú Unibanco surgia como o maior banco privado da América Latina e o sistema bancário brasileiro tornava-se ainda mais centralizado.

Bibliografia:

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis, Vozes, 1981.

LANDES, David. *Dinastias: esplendores e infortúnios das grandes famílias empresariais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MARKOWITZ, Michele Andrea. *Bancos e Banqueiros: empresas e famílias no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, Ana Luiza. *Itaú Unibanco 90 Anos: uma história muito além dos números*. São Paulo: Editora Itaú Unibanco, 2014.

MINELLA, Ary Cesar. *Banqueiros: organização e poder político no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 1988.